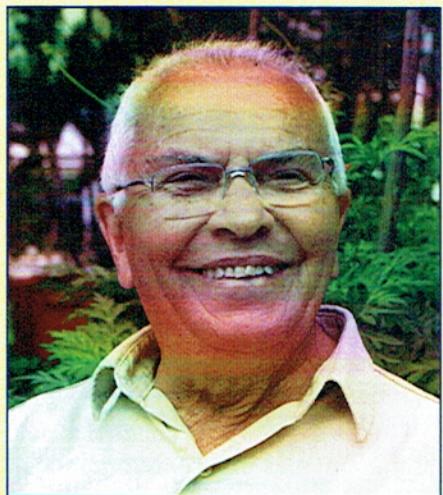


En quanto era pároco em Goiânia escreveu uma pequena biografia de seus parentes mais próximos.

Naturalmente, escreveu também a sua. Trazemos na íntegra as notícias que nos dá até 1953. A partir destes dados, passamos aos irmãos a carta memória do nosso querido

PADRE DINIZ JOSÉ DA SILVA

* 13/11/1922 • + 4/12/2005



"Nasci em Resende Costa, aos 13.11.1922. Meu pai tinha uma boa casa na Rua Nova. Na minha juventude, sentia a ausência do Vivalde que foi para o seminário, da Francisquinha que se casou e do Juquita que viajava com freqüência.

Nossa casa conserva ainda os traços originais deixados pelo pai. Está merecendo uma reforma urgente. Ali está hoje a família do senhor João Bosco, que a adquiriu quando nossa família mudou-se para Belo Horizonte. Com freqüência a visito e revejo o quarto que ouviu meus primeiros choros. Estive lá, recentemente, em 12.2.95. Vivi treze anos em Resende Costa. Com pleno aplauso de meus pais, Padre Heitor me enviou, com outros colegas, para o seminário de Lavrinhas, São Paulo. Diniz, Josué, Adão, J. Lara, José Ramos e outros de São João Del Rey. Éramos 13. Nossa viagem foi marcada para 30.01.36.

Os dias anteriores foram marcados por intensa preparação. Era preciso encher as malas. Problemas para papai e para mamãe. Amanheceu o dia 30. Era uma manhã clara. Alegria, reboliço e choro. Apareceu o Ovídio (primo, filho do tio Antídio), seminarista de Mariana (ordenou-se em 1939).

A partida foi dolorosa. Todos choravam. Eu mais ainda. Ovídio me acompanhou, com Vivalde, até os Quatro Cantos, ponto de partida da jardineira que nos levaria a César de Pina. Daí, de trem, para São João Del Rey. Chegando aos Quatro Cantos, parei na casa do Chico de Melo, cujo filho, José Ramos, também partia. Presenteou-me com algumas moedas. Seguimos para César de Pina e São João. Pela primeira vez viajei na jardineira. João Mariano era o motorista. Pela primeira vez viajei de trem. Em São João Del Rey recebemos a família Nascimento Teixeira, gente amiga dos salesianos e cooperadores. À noite continuamos de trem até Barbacena, onde esperamos o trem para o Rio. Bem cedo chegamos a Barra do Piraí. No restaurante da estação foi-nos servido um gostoso café, pelo nosso santo acompanhante, o padre João Batista Costa.

Pelas duas horas do dia 31 chegamos a Lavrinhas. Era dia de festa. Festa de São João Bosco. Muito bem recebidos, visitamos todos os ambientes, inclusive o pomar, com mangas à vontade. À noite houve teatro. Fiquei muito envergonhado por causa dos vômitos violentos que emporcalharam o salão. Em Lavrinhas vivi seis anos de muita alegria e felicidade, apesar de pensar muito na família que não visitei nem me visitou.

É fácil entender as dificuldades da época e as exigências do seminário. Em 1942, terminado o oitavo ano do curso ginásial, como então se dizia, fui aceito para o noviciado salesiano, em São Paulo, Av.Nazaré, Bairro Ipiranga. Meu mestre foi o Padre Gastão do Prado Mendes.

Em Lorena fiz os estudos de filosofia e segundo grau, nos anos de 1943 a 1945. Os anos de 1946 a 1948, passei-os em São Paulo, no Liceu Coração de Jesus. Foi o tempo de experiência, tirocínio.

No dia 24.12.1948, cheguei a Belo Horizonte para a primeira visita à família. Passei aí um mês inteiro, retornando a São Paulo no final de janeiro de 1949.

No bairro da Lapa, Instituto Pio XI, fiz o curso de teologia, com duração de quatro anos. Ordenei-me sacerdote aos 8.12.1952, na igreja de Santa Efigênia. Eramos 28 neo-sacerdotes, dos quais 21 eram salesianos. Após a cerimônia fomos recebidos, para almoço, no Liceu Coração de Jesus.

No dia seguinte, celebrei a primeira missa na igreja do Sagrado Coração de Jesus. No dia do Natal de 1952, com minha família, celebrei na igrejinha de Nossa Senhora das Graças da Vila Concórdia, em Belo Horizonte. Estava presente meu grande amigo, José Airton Matarazzo, filho de José Matarazzo, meu padrinho de ordenação. No dia 20 de janeiro de 1953, celebrei em Resende Costa, auxiliado pelo Padre Nelson Ferreira, então Vigário”.

Pe. Jacy Cogo deu o seguinte testemunho: “Buffon escreveu um dia que *Le style c'est l'homme*. A narrativa em primeira pessoa, simples e transparente, com detalhes quase infantis, é o retrato vivo do nosso querido padre Diniz. A bondade salesiana foi a característica fundamental de sua vida. E a bondade é como a flor: fica bem em qualquer lugar. Daí os muitos lugares por onde passou. Onde se faziam necessários a missão salesiana e os apertos do Inspetor, lá estava ele com sua obediência simples e alegre. Um dia, conta o P. Jacy Cogo, brincando com ele, lhe perguntei se a única coisa que tinha aprendido na vida era ser diretor. A resposta veio pronta: *não, aprendi também a suportar os chatos como você*. De outra feita, apareci lá no ITF de Barbacena e perguntei-lhe se poderia fazer uma palestra aos alunos sobre a feiúra do pecado e a beleza da virtude. Outro não. *Se eu quiser falar da beleza da virtude, ponho um quadro de Dom Bosco diante dos alunos. Para a feiúra do pecado, ponho a sua fotografia*. Provocava-o para ver a rapidez de suas respostas.

Sua folha de serviço à missão salesiana demonstra sua obediência pronta. De 1953 a 1955 foi catequista em Ponte Nova. De 1956 a 1958, diretor da Escola Padre Sacramento em São João Del Rey. De 1959 a 1961, diretor da casa de

Paraguaçu. De 1962 a 1966, diretor da casa São Francisco de Sales, no Riachuelo, Rio de Janeiro. Em 1967, conselheiro em Ponte Nova, voltando a ser diretor, no Rio de Janeiro, de 1968 a 1972. De 1973 a 1979, foi diretor em Barbacena, sendo, por algum tempo, também mestre de noviços. De 1979 a 1980 foi pároco em Goiânia, apesar de não gostar de ser pároco. De 1981 a 1983 dirige a casa de Silvânia e em 1984 e 1985 a de Cachoeira do Campo. Em 1986 é pároco em Brasília, voltando a dirigir Barbacena – ITF de 1987 a 1993. Em 1994 volta à paróquia de Goiânia onde fica até 1996. Retorna para Cachoeira do Campo, como Diretor, no período de 1997 a 1999. Em 2000 foi para Resende como diretor. Em 2001 volta para Cachoeira do Campo, já com a saúde debilitada, vindo fazer tratamento em Belo Horizonte, onde faleceu em 4 de dezembro de 2006. Bons 36 anos de sua vida salesiana foram como diretor.

Era humano para compreender e disponível para ajudar. Pequeno no tamanho, mas um gigante no trabalho. Pobre desde a infância, fez da pobreza salesiana sua parceira inseparável. Quando pároco em Goiânia, escreveu um livrinho chamado *COISAS DA VIDA*. Mas não fala de coisas. Fala de pessoas. Uma espécie de memória de família que explica muito bem a sua simplicidade.

No baú das tradições salesianas existem as duas célebres respostas antagônicas às necessidades da missão da congregação: *ci vado io e non tocca a me*. Padre Diniz passou a vida dizendo o *ci vado io*. Para quem seguiu de perto a trajetória histórica da congregação dos anos sessenta para cá, sabe muito bem das dificuldades que comportavam certos *ci vado io*. A reforma da Vida Religiosa preconizada pelo Concílio Vaticano II no Decreto *Perfectae Charitatis* abriram espaços no relacionamento da obediência que comportavam o diálogo, o discernimento, bastante diferentes das ordens recebidas, até então, por telegramas. Padre Diniz estava naquela idade sobre a qual pesavam as responsabilidades da inspetoria. Não falhou nunca.”

O Pe. Arnaldo de Magalhães Andrade acrescentou o seguinte testemunho: “Convivi com o Pe. Diniz, tanto no tempo em que ele foi diretor das Escolas Dom Bosco quanto também no tempo que eu próprio fui diretor das mesmas escolas.

Tendo assimilado bem a formação salesiana, ele vivia para os outros, fazendo lembrar o que já dizia Dom Bosco: Deus nos colocou neste mundo para os outros,

Pe. Diniz apreciava intensamente estar no meio da criançada. Valorizou a assistência-presença, como exige a pedagogia salesiana.

Pe. Diniz José da Silva dava importância aos acontecimentos históricos internos, valorizando a Crônica da Casa. E quando esta apresentava alguma lacuna, ele não encobria. Simplesmente corrigia e completava.

Parece que ele tinha um certo afeto ou gosto pela casa de Barbacena, pois pedia para passar uns dias por lá de vez em quando.

Gostava imensamente de ajudar no atendimento da paróquia em Cachoeira do Campo, bem como apreciava guardar consigo sermões feitos por ele e programas de rádio.

Ele marcou presença em Cachoeira do Campo, distinguindo-se pela amizade a todos, sobretudo aos salesianos.”

O Pe. Silvério Ivo, que com ele conviveu por longo tempo, assim o descreve:

“Eu, recém-ordenado no dia 06 de janeiro de 1965, estava com obediência marcada pelo inspetor P. Pedro Prade para continuar no Colégio Santa Rosa, onde fizera meu quarto ano de assistência. De repente, já em fevereiro, chegou-me uma carta para ser conselheiro escolar no Rio de Janeiro (Riachuelo). Sem saber o que me esperava, fui eu com a cara e coragem. Mas como fui bem recebido pelo P. Diniz. O colégio tinha só primeiro grau, de quinta a oitava série, que chamávamos naquele tempo de ginásio, com uns seiscentos alunos. O primário era na paróquia, sob a direção do P. Luiz Amadeu. A escola funcionava num estilo muito familiar, pobre e sem dinheiro mesmo. P. Diniz se distingua pela simplicidade e tranqüilidade com que enfrentava os problemas. Eu, padre novo, conselheiro enérgico e exigente, tinha no P. Diniz aquele paizão que sabia contemporizar as situações que eu aprontava. Sem me desautorizar em nada, era um paizão compreensivo também para os alunos. Nas excursões e festas, que eu e o Ir. José Pereira organizávamos, P. Diniz nunca deixou de estar presente, apoiando e trabalhando. Não era de muitas iniciativas, mas sempre as apoiaava. Era notável sua presença nas reuniões e na “Escola de Pais” que eu promovia, como também nas celebrações, almoços, festas juninas. Em tudo era sempre uma presença amiga e muito paterna. E nesta sua paternidade, como os alunos o amavam. Muito habituado à leitura, bom pregador, exemplo de assiduidade na oração e na vida comunitária, ele foi para mim um exemplo marcante no início de minha vida sacerdotal. Foi meu diretor por sete anos: de 1965 a 1969 e, voltando para o Rio após um ano, em 1971 e 1972. Depois do Rio, ele ainda foi meu diretor em Barbacena, por três anos (1991/3), quando eu morei no colégio, sem ter, porém, um cargo específico na escola, tempo bom quando eu viajava muito e ele sempre apoiava meu trabalho. Depois disso, continuamos a ter um relacionamento muito fraterno e amigo, até o fim de sua vida. Perfil invejável de salesiano autêntico. O que é bom fala por si mesmo.”

Pe. Antônio Maria de Ávila

Diretor

Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 2007.

DADOS PARA O CRONOLÓGIO: Padre Diniz José da Silva

- * Nasceu em Resende Costa, no dia 13 de novembro de 1922.
- + Faleceu em Belo Horizonte (Brasil) no dia 4 de dezembro de 2005, com 83 anos.